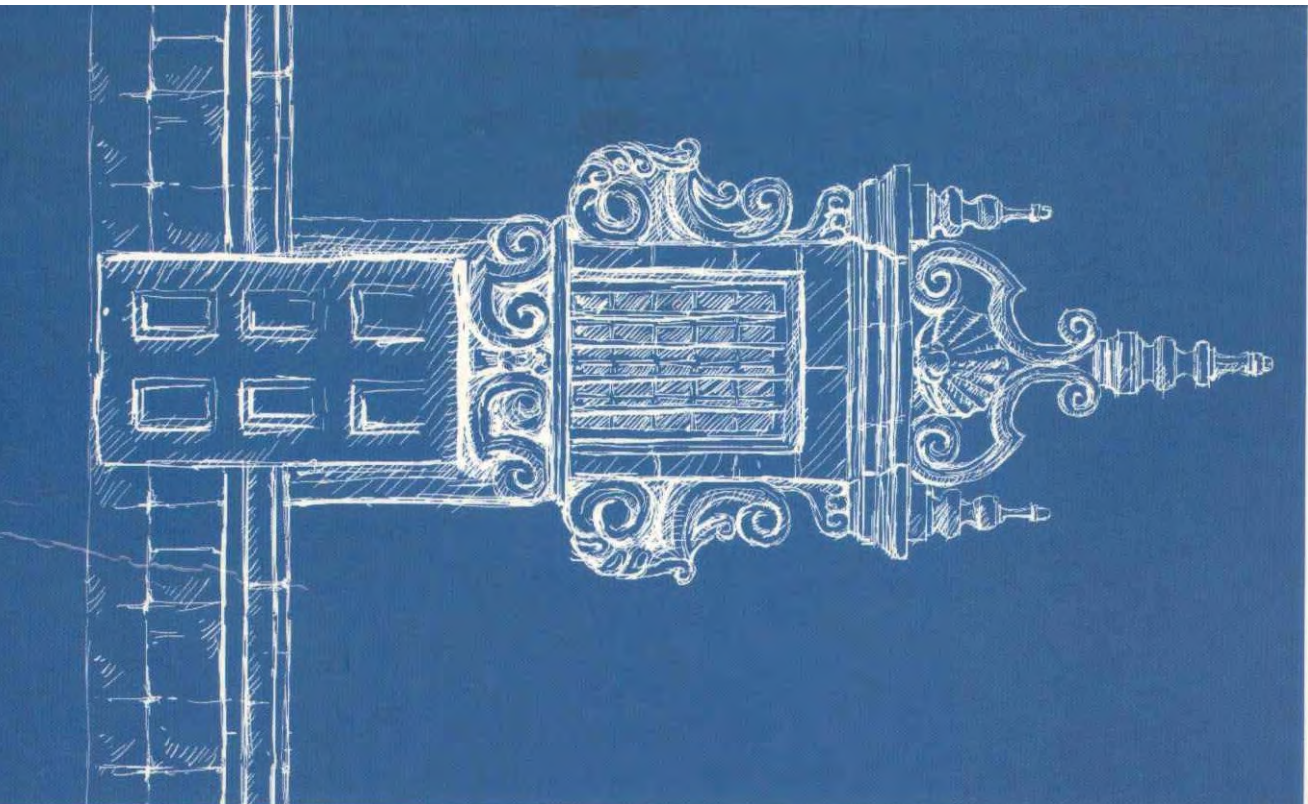


# INSVLANA

ÓRGÃO DO INSTITUTO CULTURAL DE PONTA DELGADA



LX  
2004

Fundada em 1944

por

Humberto Bettencourt, Rodrigo Rodrigues, Armando Côrtes-Rodrigues,  
José Bruno Carreiro e Francisco Carreiro da Costa

Presidente

**Henrique de Aguiar Oliveira Rodrigues**

Secretário

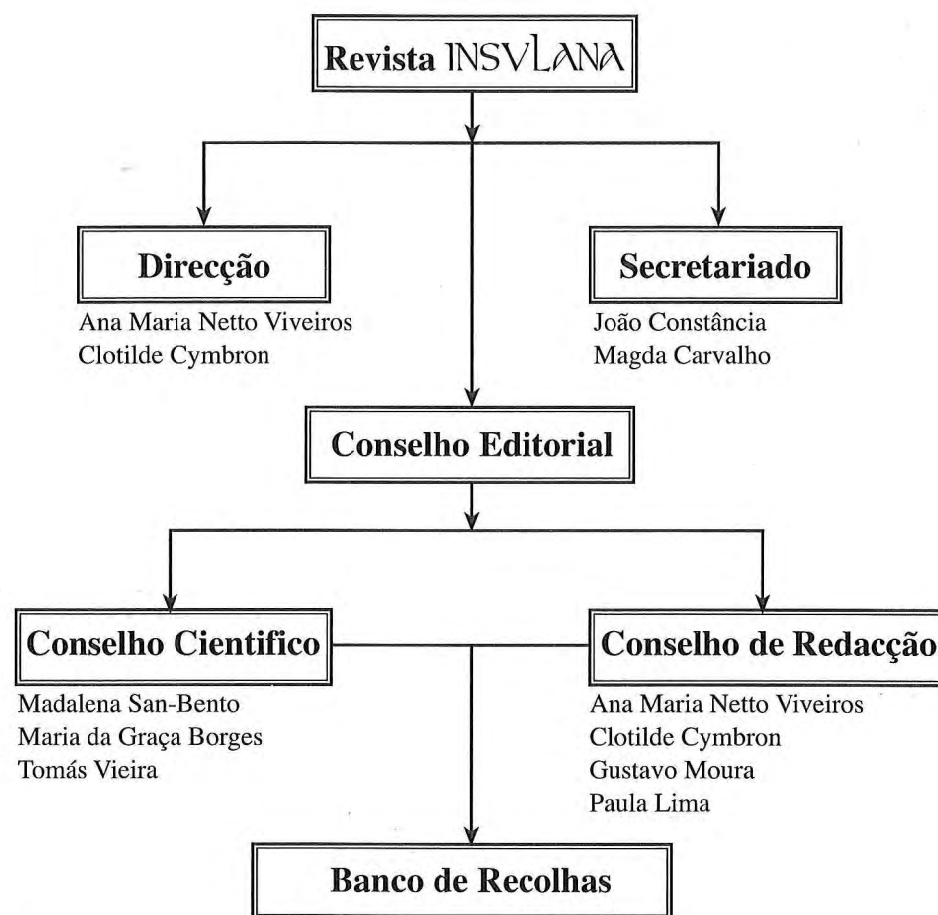
**João Paulo Constância**

Vice-Presidente

**Ana Maria Netto de Viveiros**

Tesoureiro

**Francisco Noronha**



Perante o despojamento radical a que o problema ontológico obriga, cabe agora aos ocidentais optar entre a cobardia de Ismena e o orgulho de Etéocles e Polínicos – os filhos incestuosos de Édipo que enjeitaram o destino dele –, ou a humildade, a generosidade e a coragem com que Antígona – a outra filha e irmã do herói tebano – aceitou acompanhá-lo no desterro. Se também para o Ocidente houver resgate, creio bem que este só se encontrará pela segunda opção.

## POESIA E FILOSOFIA

### Contendas e compromissos no percurso de Antero de Quental

*\* Magda da Costa Carvalho*

*Nunca pretendi ser poeta nem me preparei para isso com estudo e aplicação: mas, não sei como, tenho sempre encontrado a poesia ao meu lado, e espontaneamente, quase involuntariamente, têm revestido a forma poética o meu pensar e o meu sentir (coisas que em mim andam sempre muito irmãs) no curso duma evolução moral, não sei se singular se típica, que me tem absorvido de molde a tornar-me quase alheio a tudo o mais.*

Antero de Quental

#### Pensar e sentir – a irmandade anterioriana

A asserção de que Antero teve *alma de poeta e vocação de filósofo* parece constituir uma posição mais ou menos consensual entre os estudiosos da sua obra. Tal como fica documentado pela nossa epígrafe, é o próprio quem primeiramente reconhece que, no seu espírito, pensamento e emoção se envolvem numa construção espontânea de duradouros laços fraternais. Entre os contemporâneos que com ele privavam, e que acompanhavam o evoluir do seu percurso especulativo-existencial, esta tese é também corroborada. Oliveira Martins, porventura o mais dedicado dos seus companheiros geracionais, no prefácio que dedica aos *Sonetos*, insiste paradigmaticamente na matriz contrastante de um espírito *que pensa o que sente e que sente o que pensa*. De igual forma, o contemporâneo Eça de Queirós faz menção à dualidade anterioriana, testemunhando que Antero não se preocupava em aperfeiçoar uma apurada faculdade poética, mas que simplesmente elaborava

\* Professora da Universidade dos Açores



as suas composições através de estados da sua razão e sensibilidade *cristalizados naturalmente em verso*<sup>1</sup>.

Pese embora a correlatividade entre ambos, nunca a irmandade entre o pensar e o sentir anteriores foi pautada por um clima pacífico ou consensual. Interiormente, o pensador micaelense levou a cabo uma luta voraz entre uma disposição natural constitutivamente poética e uma inclinação voluntária para a racionalidade especulativa. A aspereza com que se refere a este permanente estado de guerra demonstra o violento esforço de Antero para equilibrar duas pulsões tão antagonicamente constituídas. Numa carta a Jaime de Magalhães Lima, de 13 de Outubro de 1886, é categórico o tom com que Antero afirma que a recusa em trilhar o caminho poético consiste numa difícil e morosa decisão da sua vontade. Apesar de longo, arriscamos a transcrição de um notável excerto dessa carta, onde o autor traduz de forma exímia os meandros da sua luta:

[...] o pinheiro, embora transplantado para outra terra e outro clima, nunca poderá dar senão pinhas, ou não dará coisa alguma. Não se podem viver duas vidas – e a poesia só é verdadeira sendo a expressão da vida, na sua unidade, na sua harmonia e plenitude. A natureza tinha-me talhado para romântico descabelado, pessimista, satânico, que sei eu? Mas tinha-me dado, ao mesmo tempo, por singular contradição, razão e sentimento moral para muito mais e melhor. Daí conflito, guerra civil, luta interior. Esta luta foi a minha vida, e é o que explica a aparente singularidade (que reconheço ser grande) e a esterilidade dela. O que venceu em mim foi a razão e o sentimento moral; mas a imaginação e a paixão, embora vencidas, não se submeteram. Ora não é a razão, mas a imaginação e a paixão que fazem o poeta. Se lhes quisesse ceder, sei que daria (para continuar a comparação de há pouco) inúmeras pinhas e seria um pinheiro dos mais altos. Mas não quero: e na impossibilidade de dar outros frutos senão aqueles amargos e resinosos, tenho de tornar-me voluntariamente estéril.<sup>2</sup>

Porque sempre cultivava a escuta interior das preocupações e necessidades do seu tempo, Antero vaticinara já o estado decrépito da poesia moderna, impotente face às novas exigências sociais e civilizacionais de uma humanidade ávida de racionalismo e objectividade. De acordo com o que defendera em *O Futuro da Música*, texto publicado em 1866, e, quinze anos mais tarde, em *A Poesia na Actualidade*, o autor tornara-se solidário com a desesperada necessidade, que detectava no mundo moderno, de uma luminosidade esclarecida e orientadora provinda da ideia filosófica. Alvo de

<sup>1</sup> Eça de Queirós, “Um génio que era um santo”, em *Anthero de Quental – In Memoriam*, Ed. Mathieu Lugan, Porto, 1896. Reedição fac-similada, com prefácio de Ana Maria Almeida Martins, Editorial Presença e Casa dos Açores, Lisboa, 1993, p. 505.

<sup>2</sup> Antero de Quental, *Cartas*, volume II, organização, introdução e notas de Ana Maria Almeida Martins, Editorial Comunicação/Universidade dos Açores, Lisboa, 1989, p. 792.

algumas influências por parte do programa positivista, escola que fortemente marcou alguns dos mais insígnies nomes da Geração de 70 – como sejam os seus conterrâneos Teófilo Braga e Manuel de Arriaga –, Antero encontra-se face a um século XIX aridamente desencantado perante as virtualidades da criação poética e artística. E, como quem se visse necessariamente forçado a optar numa determinada direcção, o autor confessa na célebre carta a Carolina Michaëlis de Vasconcelos, a autoria de um impressionante assassinato e faz do seu espírito a cena deste crime inevitável:

o filósofo, que por muito tempo só se exprimiu pela boca do poeta, acabou por confiscar, por absorver, por devorar o pobre poeta, e agora que este acabou, impõe-se ao filósofo (para não passar por um assassino gratuito e aleivosos) a obrigação de ser gente por si só e de falar pela própria boca<sup>3</sup>.

Este é, provavelmente, um dos mais impressionantes trechos escritos pela pena anterior, em virtude de uma estranha, embora lúcida, frieza que o perpassa, como que preludiando simbolicamente os trágicos acontecimentos de 11 de Setembro de 1891, quando o poeta-filósofo decidiu pôr termo à existência. Contudo, a sua importância assume-se também por representar, simultaneamente, um precioso documento de estudo sobre a tão polémica irmandade anterior. Em primeira instância, a citação permite-nos perceber que o filósofo não surge exclusivamente após a extinção do poeta, mas que já anteriormente se exprimia através das falas deste, o que vem corroborar a tese de que a obra poética de Antero está, de facto, impregnada de férteis indicações especulativas. Em segundo lugar, Antero apenas menciona uma obrigação moral que, após o consumado homicídio do poeta, o filósofo deveria assumir de configurar e perfilar uma linguagem e um registo autónomos.

Contudo, a questão permanece: será indiscutível e pacífico o sucesso desta empresa anterior? A um filósofo que sempre recorreu à mediação do discurso poético, será imediata e garantida a radical mudança de registo? Pois não foi o próprio Antero a confessar, em 1888, - ou seja, já três anos decorridos sobre o simbólico assassinato atrás referido - ter sido sempre mais poeta do que filósofo<sup>4</sup>?

Portanto, se explicitamente o excerto cumpre a função de anunciar a extinção das orientações poéticas às quais durante largos anos Antero deu voz, o que, acima de tudo, o texto transcrito atesta, ainda que de forma implícita, é a irrecusável mestiçagem da alma anterior, perdida nos conflitos entre pensar e sentir, e a consequente indissociabilidade entre poesia e filosofia no todo da produção bibliográfica do autor<sup>5</sup>. Como atrás afirmámos, esta mestiçagem representava uma inclinação já amplamente

<sup>3</sup> Carta a Carolina Michaëlis de Vasconcelos, de 07 de Agosto de 1885, em *Cartas*, volume II, p. 748.

<sup>4</sup> Cf. carta a Manuel Ferreira Deusdado, de 07 de Setembro de 1888, em *Ibidem*, volume II, p. 900.

<sup>5</sup> Cf., a este propósito, Leonel Ribeiro dos Santos, *Antero de Quental, Uma Visão Moral do Mundo*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2002, p. 45.

reconhecida e difundida entre os companheiros geracionais de Antero, sendo disso testemunho outro importante momento da prosa queirosiana, em que o autor de *Os Maias* afirma sobre o *Príncipe da Mocidade*:

Eu só conheço um homem, uma excepção, em que o sumo génio poético se alia à sua razão filosófica. É o nosso Antero de Quental. Nos seus *Sonetos*, exprime essa coisa estranha e rara – as dores duma inteligência. É uma grande razão debatendo-se, sofrendo, e formulando os gritos do seu sofrimento, as suas crises, a sua agonia filosófica, num ritmo espontâneo, da mais sublime beleza poética; cada soneto é o resumo poético de uma agonia filosófica. E é por isso que a Alemanha se lançou sobre este livro de *Sonetos* (que Portugal não leu) e o traduziu, os comentou, os fixou religiosamente na sua literatura, como uma coisa rara e sem precedentes, uma pérola fenomenal de criação desconhecida, única no grande tesouro da Poesia Universal.<sup>6</sup>

É ainda na mesma carta a Carolina de Vasconcelos que são revelados os meandros do problema: já desde meados da década de 60, tempo das *Odes Modernas*, Antero reivindicara para a poesia o estatuto social que o romantismo francês atribuía à arte, tendo sido desencadeada a partir dessa mesma orientação a célebre celeuma da *Questão Coimbrã*. Enquanto órgão de poder e de transformação social, uma obra poética teria de responder a exigências mais vastas do que o estrito formalismo de questões de métrica ou de acertos de rima. Daí o poeta afirmar que, no seu percurso especulativo, foi sempre o *fundo* mais do que a *forma* o que o atraiu<sup>7</sup>. No que se reporta ao conteúdo, à própria matéria do pensar, o autor açoriano buscava, em primeira instância, a Verdade: um autêntico sentido para a existência e um coerente significado para o mundo. E, tal como reitera Eduardo Lourenço em inúmeras ocasiões – fazendo ecoar na sua a posição de Joaquim de Carvalho – a relação de Antero com a Verdade era da ordem do existencial, do ontológico, de quem procura, acima de registos racionais abstractos ou meramente contemplativos, *o segredo da vida*<sup>8</sup>. Ora, tendo experienciado a impotência dessa demanda por terras da imagem e da metáfora, facto resultante do estado degradado e desajustado que na sua perspectiva, a alta poesia manifestava na época, Antero cede ao desejo de alterar a forma de expressar e experienciar seme-

<sup>6</sup> Eça de Queirós, “O Francesismo”, em *Últimas Páginas*, (*Manuscriptos Inéditos*), Livraria Chardron, de Léo & Irmão, Lda Editores, Porto, 1925, pp. 421-422.

<sup>7</sup> Antero de Quental, *Cartas*, volume II, p. 748.

É sempre de ter em conta que o facto de Antero ter respeitado, na grande maioria da sua obra de poeta, as disposições formais do soneto demonstra que, ainda que as suas preocupações privilegiassem o *fundo*, tal não implicava, obviamente, a total renúncia ao cuidado com a *forma*.

<sup>8</sup> Eduardo Lourenço, “Antero, Hegel e as causas da decadência”, em Isabel Pires de Lima, organização e coordenação, *Antero de Quental e o Destino de uma Geração, Actas do Colóquio Internacional no Centenário da sua Morte*, Edições Asa, Porto, 1993; Idem, “Antero e a Filosofia”, em *A Noite Intacta. (I)recuperável Antero*, Centro de Estudos Anterianos, Vila do Conde, 2000.

lhante desígnio: *entro agora numa fase nova*, - afirma - *e tenho jurado consagrar-me daqui em diante, todo e exclusivamente, ao trabalho de coordenação definitiva das minhas ideias filosóficas e, se tanto puder, à exposição metódica e rigorosa das mesmas*<sup>9</sup>.

*Se tanto puder*, ressalva o pensador. De facto, neste aspecto Antero não parece deixar os seus leitores absolutamente convencidos: se é certo que o mês de Março de 1885 terá visto os últimos sonetos compostos pelo poeta – simbolicamente intitulados *Com os mortos* e *O que diz a morte* –, isso está longe de constituir uma prova irrefutável de que o espírito íntimo de Antero se resolvesse, em última instância, numa espécie de duplicidade intermitente em que poesia e filosofia se assemelhassem a diferentes máscaras usadas, à vez, pelo autor. Pelo contrário, parece-nos mais adequada uma concepção das relações entre poesia e filosofia no percurso anteriano em termos simbióticos<sup>10</sup>, denotando o que o próprio vocábulo “simbiose” alberga etimologicamente: ou seja, entre disposição poética e disposição filosófica do pensar e do dizer anterianos subsiste *um modo de vida em conjunto*, uma co-associação de termos distintos de que resultam mútuos benefícios. É no equilíbrio entre sentimento e ideia, imagem e palavra, que se instala a integral comunhão entre o poeta que Antero foi *por natureza* e o filósofo que sempre intentou ser *por opção*, sendo essa co-naturalidade o que, ainda hoje, constitui a originalidade do seu testemunho.

O texto introdutório do *In Memoriam*, obra colectiva de tributo póstumo ao autor, abre com um registo epigráfico de Antero sob o signo de *eminente poeta e filósofo* e encerra referindo-se-lhe como *Poeta, Pensador e Homem*. Em nosso entender, esta última expressão capta, de forma exímia, não apenas a ordem pela qual, com maior veemência, se manifestaram poesia e filosofia no seu percurso especulativo-existencial, como principalmente a feliz resolução de ambas numa mesma humanidade partilhada.

### Mais do que um *acrobata de rimas* – breves notas sobre a poesia filosófica de Antero

Antero ensaia-se precocemente no estudo filosófico, como bem documenta a carta escrita a Ana Guilhermina da Maia Quental, sua mãe, a partir de Coimbra, a 29 de Julho de 1858. Contava, então, com os seus parcos 16 anos quando, após ter concluído os exames prévios para inscrição na Faculdade, solicita à mãe algum dinheiro para a aquisição de obras de cariz filosófico. O jovem justifica-se afirmando pretender *não ir para a Universidade com os olhos fechados sobre este ramo das Letras, que é*

<sup>9</sup> Antero de Quental, *Cartas*, volume II, p. 748 (sublinhado nosso).

<sup>10</sup> Termo adoptado, em contextos adjacentes, quer por Leonel Ribeiro dos Santos (*ob. cit.*, p. 27), quer por José de Almeida Pavão (“Relações entre a poesia e a filosofia em Antero”, em *Congresso Anteriano Internacional – Actas*, Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 1993, p. 509).



INSVLANA necessário pela relação íntima que tem com todos os outros<sup>11</sup>. Porém, a primeira influência filosófica decisiva por ele sofrida haveria de nascer nos bancos da disciplina de Filosofia do Direito, já no âmbito da sua formação superior. Apesar de se ter graduado nos estudos jurídicos, o autor das *Tendências gerais da filosofia na segunda metade do século XIX* pautou todo o seu percurso espiritual – quer de juventude, quer de maturidade – não só por uma constante procura do que se dizia e publicava no domínio filosófico, como também por uma atitude reflexiva crítica e problematizadora – *filosófica*, portanto – diante do mundo e da existência.

Nesse contexto, como já esclarecemos, também na sua poesia é visível um forte pendor filosófico. A prova de que Antero permite e, diríamos inclusivamente, *aconse-lha* a procura filosófica no perímetro da sua obra poética, mormente nos *Sonetos*, encontramos-la ao percorrermos as pistas por ele deixadas nos documentos que compõem as suas *Cartas*.

Para fugir à vaidade de um título demasiado pretensioso, Antero explica - na já referenciada carta a Carolina Michaëlis de Vasconcelos - ter escolhido para a compilação dos seus versos a designação de *Sonetos Completos*. Em consequência disso, preteriu o título *Memórias duma Consciência*, título paradigmático pelo que de auto-biográfico sugere. Cerca de cinco meses antes, o poeta expressara a mesma ideia reforçando que a ordenação cronológica dos *Sonetos*, ainda hoje alvo de acesas polémicas, visava essencialmente reconstruir o seu percurso moral e psicológico. Enquanto *documentos psicológicos*, os *Sonetos* pretendiam ser, acima de tudo, o registo duma séria indagação espiritual comprometida com o sentido da existência, o que explica a afirmação queirosiana de que estes poemas constituem *sublimes notas postas à margem duma alma que se interroga*<sup>12</sup>. As reticências de Antero em trazê-los ao domínio público encontravam precisamente aí a sua razão de ser, tal como afirma o poeta-filósofo a Jaime de Magalhães Lima, no ano seguinte:

Hesitei por algum tempo em publicar aquela colecção, justamente por ter dúvidas sobre este ponto: receava que não se sentisse ali distintamente a evolução dum espírito que procura ansiosamente e quase freneticamente a razão de ser da sua existência, nem se destacassem suficientemente as soluções mentais, morais, sentimentais, que fecharam para mim o círculo da ansiedade e agitação de espírito<sup>13</sup>.

Por detrás do fazer poético encontrava-se um fundamental projecto filosófico, tão mais importante quanto o desvelo do próprio Antero em deixá-lo explícito. Perto de vinte anos passados sobre o opúsculo *Bom Senso e Bom Gosto*, repugnava-lhe igualmente a leitura convencional e formalista da poesia que, em vez de poetar, produziria

INSVLANA simples *acrobatas de rimas*<sup>14</sup>. Mesmo após se ter atenuado a imberbe agitação de juventude, Antero nunca concebeu o fazer poético fora de um conteúdo comprometido com um decoroso apelo moral e civilizador. Ao conferir a esse fazer um pendor especulativo, inevitável se torna a sua aproximação à filosofia, actividade pensante por excelência:  *digo poesia – afirma Antero –, digo sentimento vivo e alado, imaginação caprichosa ou profunda, contemplação intensa do vasto universo e da própria alma, universo mais vasto ainda no seu mistério; digo poesia e não só versos*<sup>15</sup>.

À medida que escreve aos amigos sobre os *Sonetos*, e já com a ajuda da crítica que se mostrara, no geral, bastante favorável à publicação da obra, Antero vai progressivamente abandonando o excessivo pudor inicial e assumindo de forma explícita a componente filosófica dos mesmos: *meti neles o melhor da minha Filosofia, à espera do dia em que a possa desenvolver largamente e em boa prosa*, afirma em Novembro de 1886.

Impõe-se ainda mencionar uma breve, embora relevante, nota de Antero acerca de duas das suas composições poéticas. Decorria o mês de Setembro de 1875, portanto onze anos antes da publicação de *Sonetos Completos*, e, a acompanhar o envio dos poemas *Ou!* (mais tarde re-nominado *Logos*) e *Quia Aeternus* ao amigo Jaime Batalha Reis, Antero comenta que a estrutura demasiado filosófica em que os mesmos se constroem poderia destituí-los de uma feição poética. Já então se tornava claro para o poeta-filósofo o inevitável e constante conflito entre as duas forças que contrapolarmente orientavam o seu percurso existencial: a poesia, nunca procurada nem preparada e só espontaneamente presente ao seu espírito; e a filosofia que, encontrada nos tempos de Coimbra como necessária matriz de pensamento a cultivar, *começando pela inteligência, acabava por entrar no coração, apossando-se dele e da vida toda, como de coisa sua*<sup>16</sup>. Porém, como já acima fizemos notar, este facto deve servir para evidenciar a originalidade do registo anterior e a quase que exigência, daí decorrente, de serem poesia e filosofia simultaneamente escutadas como fontes co-originárias do pensamento que anima a sua obra.

Por todas as razões aqui expostas, António Quadros, eminente pensador português do século XX, considera que a obra de Antero é a principal responsável pela inauguração, na moderna cultura portuguesa, da *poesia filosófica* – género que, na Europa, recua à Renascença italiana e se estende ao século XVIII francês -, ou seja, de um discurso que não só não abandona as exigências estéticas e simbólicas, como ainda as conjuga com um profundo sentido reflexivo ético-metafísico<sup>17</sup>.

E se, porventura, quisermos ser mais ousados na análise, e fizermos eco do permanente cruzamento entre as linhas do ser e do pensar no percurso de Antero - um

<sup>14</sup> *Ibidem*.

<sup>15</sup> Carta a António Molarinho, de 26 de Agosto de 1889, em *Cartas*, volume II, p. 952.

<sup>16</sup> Carta a Francisco Machado Faria e Maia, de 28 de Março de 1885, em *Cartas*, volume II, p. 729.

<sup>17</sup> António Quadros, “Antero: a questa, a odisseia, a peregrinação do poeta-filósofo e do poeta religioso”, em *Revista Portuguesa de Filosofia*, 47 (1991) 2.

<sup>11</sup> Antero de Quental, *Cartas*, volume I, p. 12.

<sup>12</sup> Eça de Queirós, “Um génio que era um santo”, em *Anthero de Quental – In Memoriam*, p. 495.

<sup>13</sup> Carta a Jaime de Magalhães Lima, de 13 de Outubro de 1886, em *Cartas*, volume II, p. 791.

homem que sempre assumiu com a própria vida as posições do seu espírito - podemos afirmar, com Eduardo Lourenço, que os poemas de Antero não são apenas filosofia, mas algo de existencialmente ainda mais precioso: o jazigo de um homem que, ainda vivo, se arrasta incessantemente entre, por um lado, a necessidade de encontrar o sentido e, por outro, o quotidiano sentimento de absurdidade da existência<sup>18</sup>. É o próprio Antero que o afirma ao registar o hiato entre os seus intentos e qualquer propósito de reconhecimento artístico. *Não pretendi fazer uma obra “literária”* – afirma a Fernando Leal, em Novembro de 1886 – *mas outra coisa a que dou mais valor. “Que coisa seria essa?”*, poderíamos legitimamente questionar. E, como que antevendo a demanda, novamente o poeta-filósofo nos responde:

ponha acima da literatura alguma coisa, o que é vital, real, o que abraça a vida e o seu fim moral, e não só a imaginação e uma inteligência apenas abstracta. O nosso verdadeiro poema somos nós mesmos, quero dizer, a nossa vida moral, que é a obra suprema do Universo. A construção duma nobre vida, duma alta consciência será sempre a obra de arte por excelência, embora passe obscura e sem aplauso<sup>19</sup>.

<sup>18</sup> Cf. Eduardo Lourenço, *ob. cit.*, p.43.

<sup>19</sup> Carta a Joaquim de Araújo, de 22 de Janeiro de 1882, em *Cartas*, volume II, p. 615.